

As águas livres, de Teolinda Gersão: obra heterodoxa e autoficcional

Daniela Aparecida da COSTA*

GERSÃO, T. **As águas livres: cadernos II**. Porto: Sextante, 2013.

As águas livres: cadernos II, da escritora portuguesa Teolinda Gersão, lançado em Lisboa em abril de 2013, é uma obra que não se enquadra em gêneros literários específicos. Na esteira de *Os guarda-chuvas cintilantes*, de 1984, segue a linha do diário heterodoxo, que embaça e/ou distorce as características preestabelecidas para esse gênero. O tempo não é cronológico em ambas as obras; ou como a própria escritora classifica: “São *Cadernos* espelhados uns nos outros, de algum modo autônomos, embora estejam interligados. Vêm de vários tempos, circunstâncias e lugares, podem encaixar-se como matrioscas ou fugir em todas as direções como fagulhas [...]” (GERSÃO, 2013, p.9; grifos da autora)¹.

Escrita que transita entre o pulsar e o pensar, formando um texto híbrido com pensamentos, micronarrativas, minicontos, reflexões metalinguísticas sobre a escrita dos cadernos e, também, sobre outras obras da escritora, como o primeiro e segundo romances *O silêncio*, de 1981 e *Paisagem com mulher e mar ao fundo*, de 1982:

Escrevi *O Silêncio* sobretudo em cafés e na Biblioteca Nacional. Agora, na praia, vou a um dos hotéis depois do almoço, peço um café e fico a escrever numa das salas onde em geral só há meia dúzia de hóspedes a ler jornais ou a jogar às cartas.

O mar entra de novo neste livro. Mas agora não é um mar de amantes no verão, é um mar maligno, uma muralha. E as ondas têm a voz insidiosa de O. S. e convidam à resignação e à tristeza. (GERSÃO, 2013, p.31; grifos da autora).

O que interessa é o instante capturado por um olhar e uma voz e/ou por olhares e vozes, que ora se mostram em primeira pessoa, ora em perspectivas outras. É um desafio ao leitor, que deve estar atento a todos os sinais e/ou ausências desses, como os espaços em branco, as quebras bruscas na sequência narrativa, a ausência do tempo

* Doutoranda do PPG em Estudos Literários da UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Literatura. Araraquara – SP – Brasil 14800-901. E-mail: danicosta02@yahoo.com.br. Bolsista CAPES Proc.172265-12-6.

¹ A escritora Teolinda Gersão não aderiu ao Novo Acordo Ortográfico, por isso, sua obra será citada de acordo com o original, sem alterações.

demarcado. O tempo que se faz presente é o da memória, por isso, os textos aparecem em blocos sem um fio condutor linear, já que a lembrança é algo que emerge, muitas vezes, sem ser evocada e de modo nem sempre organizado.

Trata-se de um convite para uma literatura que simplesmente deseja pulsar entre o narrar e o falar de si própria. É permeada por reflexões sobre o próprio produzir, alternando-se entre o real/referencial e o ficcional, cheio de experiências vivenciadas pela memória individual e também pela coletiva. Escrita heterodoxa que almeja correr livremente, ao sabor do subconsciente; algo já sugerido pelo próprio título da obra. Título metafórico que faz referências ao aspecto livre da escrita e também à cidade de Lisboa, já que a mesma possui um aqueduto construído no século XVIII (atualmente desativado) que leva o nome de Águas Livres, por suas águas correrem livremente devido à força da gravidade. Lisboa cidade-personagem nesta obra e também no romance anterior da autora, *A cidade de Ulisses*, de 2011: o espaço privilegiado da ficção e autoficção de Gersão.

Outro aspecto interessante em *As águas livres* é a dificuldade de separar a figura do narrador da do autor. Numa espécie de amálgama, o escritor real/concreto, em muitos momentos, emerge como autor explícito da escrita que estamos lendo e como narrador desses cadernos. Isso pode ser notado pelas interferências metalinguísticas e referências ao processo de escrita de suas outras obras e reflexões sobre o processo de escrita da própria obra em questão e sobre narrativas e relatos presentes nesse corpo narrativo heterodoxo. Essas características remetem-nos à problemática da autoficção.

Diana Klinger em *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a escrita etnográfica* (2007, p. 39-52), afirma que a autoficção torna a ficção superior ao discurso autobiográfico, pois não há a prioridade de contar a sua vivência, mas de elaborar um texto artístico, em que a vida do escritor é matéria, não essencial, mas presente. Outro aspecto ressaltado por Klinger é que, na autoficção, cria-se uma espécie de máquina produtora de mitos do escritor, funcionando tanto nas passagens em que se relatam vivências do narrador quanto naqueles momentos em que o autor introduz no relato uma referência à própria escrita. Para a estudiosa, a autoficção é uma estratégia de performance do escritor, tornando-se figura ambivalente, dividida entre a mentira (ficção) e a confissão (dos meandros da própria obra).

A autoficção em *As águas livres* pode ser percebida, por exemplo, nos seguintes trechos da obra:

1. As águas livres. As palavras vêm ter comigo, tão carregadas de sentidos que resisto a seguir qualquer deles. Por agora só sei que será o nome de um *Caderno*. O Segundo.

O primeiro, a que na altura não chamei *Caderno*, foi *Os guarda-chuvas cintilantes*. Dei-lhe como subtítulo *Diário*, o que provavelmente desconcertou os leitores. Na verdade é um diário heterodoxo, que quebra os dois pilares em que era suposto assentar, o eu e o tempo: o eu surge como um feixe de possibilidades e o tempo é arbitrário, recortado de um calendário impossível. (GERSÃO, 2013, p.12; grifos da autora).

2. A vida como uma coisa fascinante e absurda, que tem a morte no meio e não no fim.

Escrever alguma vez um livro sobre uma casa em que várias gerações passaram. Sobre o tempo e a memória.

(Porque a literatura é também isso, a memória lutando contra o tempo. Fintando a morte). (GERSÃO, 2013, p.16).

Trata-se, como pode ser visto pelo conteúdo das citações, de uma reflexão/confissão clara da escritora Teolinda Gersão sobre a elaboração de *As águas livres* e também de referências sobre a elaboração e planeamento de outras obras, revelada pela referência direta aos caminhos que ela escolheu para trilhar em *Os guarda-chuvas cintilantes*, de 1984 (primeiro excerto) e, depois, *A casa da cabeça de cavalo*, de 1995 (segundo excerto).

Águas Livres: cadernos II é, portanto, uma obra de difícil classificação. Somos projetados para dentro de uma escrita que almeja a liberdade e o não enquadramento puro e simples em determinado gênero literário. Por meio da apresentação dos bastidores da construção narrativa, das considerações metalinguísticas sobre o ato da escrita e também dos pensamentos e micronarrativas (que revelam um imaginário bastante criativo) desvendamos, no processo de leitura - que exige muita participação por parte do leitor -, um pouco da trajetória literária e do projeto estético da escritora.

Referências bibliográficas

GERSÃO, Teolinda. **As águas livres: cadernos II**. Porto: Sextante, 2013.

_____. **A cidade de Ulisses**. Porto: Sextante, 2011.

_____. **A casa da cabeça de cavalo**. 2.ed. Lisboa: Dom Quixote, 1996.

_____. **Paisagem com mulher e mar ao fundo**. 1.ed. Lisboa: O Jornal, 1982.

_____. **Os guarda-chuvas cintilantes.** Lisboa: O Jornal, 1984.

_____. **O silêncio.** 4.ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995.

KLINGER, D. I. **Escritas de si, escritas do outro:** o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.